



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 19 de Março de 1994 • Ano LI - N.º 1305 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Carta de Moçambique

Implantação da Casa do Gaiato

CHEGUEI há três semanas e estou de partida para Angola. Surpreendentemente a tarifa beneficia-me regressando de Maputo a Lisboa..., embora o avião escale Luanda!! Por isso intercalei a visita aos nossos de Malanje e Benguela nesta a Moçambique; e foi bom, porque, tendo-se resolvido dúvidas sobre a implantação da Casa do Gaiato, o que exige novo levantamento topográfico na fazenda que nos foi entregue, tal se irá fazendo entretanto. Passados estes quinze dias, espero encontrar já o novo arquitecto esboçando no papel a concretização do programa que lhe apresentámos.

Até agora o «levantamento» foi feito por Padre José Marla e por mim, pisando o terreno escondido pelo capim alto, para o reconhecermos e assentarmos ideias, enquanto nos lugares que nos pareciam mais prováveis, outros iam capinando e pondo à vista a área a urbanizar.

Esta empreitada recordou-me idêntica em Malanje, há trinta anos, onde nos valeram os allos ninhos de salalé para podermos emergir do mar de capim e olhar em volta no esforço de adivinhar o chão onde depois se levantou aquela linda Aldeia tão marcada pelos desvarios dos homens. Quem me dera vê-la! Era para mim a mais bela Casa do Gaiato em África! Mas saio daqui na dúvida de o poder fazer, que os 400 km que a separam de Luanda são aventura nem sempre praticável! Que Padre Telmo, ao menos, a tenha conseguido, para nos encontrarmos em Luanda e tentarmos a sorte.

Aqui em Moçambique há melhores condições de trabalho, embora muitas nuvens ensombrem o horizonte. Nem as refiro a um reacender da luta armada. É geral a esperança de que não. Porém a transição de tantos anos de guerra para uma situação de paz que alguns ainda julgam sonho, num país de economia destruída, com grandes multidões de deslocados que, entretanto, se desenraizaram das suas origens e dos seus costumes e que procuram um novo estatuto de vida — naturalmente será uma tarefa difícil e demorada, não isenta de convulsões sociais. Mas, se se pode começar já a trabalhar neste sentido, porque esperar? Valores que se vão reconquistando, pequenas respostas a problemas grandiosos que já são possíveis — vão alimentando a Esperança e iluminando caminhos.

O levantamento deste Povo terá de passar (como o da nossa futura Aldeia) pelo pisar da terra, pelo regá-la com o suor dos rostos; e a fertilidade há-de brotar dos corações decididos e animados pela convicção de que ela depende mais do trabalho próprio do que das ajudas que não duram sempre nem sempre são desinteressadas e educativas.

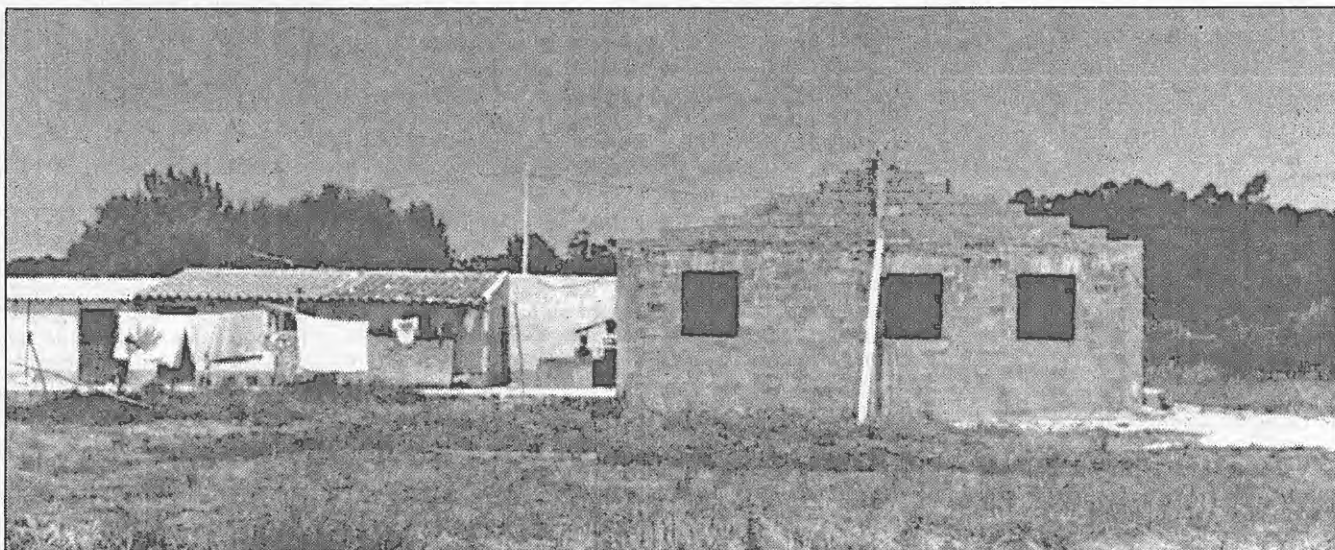
Tantas crianças da rua!

O novo arquitecto que vai trabalhar connosco, ao visitar a primeira vez a serra sobranceira à área agrícola que escolhemos para a nossa Aldeia, achou-a rude e trabalhosa. Assustou-se... Mas vai perdendo o medo, decerto no gozo da beleza do lugar e na antevisão da beleza acrescentada que o seu trabalho vai produzir.

E nós queremos que esta beleza, que dentro de dois anos, talvez, já possa ser contemplada por muitos, no contexto agreste, e belo também, em que se situa, sirva de parábola e os estimule a não temer o duro, a partir dela por caminhos que serão com certeza duros, para metas de suficiência e de bem-estar — fundamento de uma independência autêntica.

As crianças da rua e abandonadas a si mesmas são tantas neste Moçambique, como em tantos outros lugares da Terra, que não podemos ter a pretensão de dar a mão a todas. Por isso se faça bem o pouquinho que se puder fazer, com rasgo, não para que ninguém nos veja, mas se veja princípios e métodos que só eles podem levar o homem moçambicano a libertar-se das forças ancestrais de miserabilismo que até agora o mantiveram cativo.

Padre Carlos



Brevemente sairão do curral para a casa que levantaram

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Sinais de Esperança

FORAM duas longas viagens que fizemos àquele concelho à beira-mar. A primeira foi para apoiar a Conferência Vicentina da freguesia da sede do concelho. Há oito anos esperam que a Câmara Municipal lhes disponha terreno, dos muitos que tem, para ajudar a construir habitação para dez famílias que dela necessitam.

Estavam à nossa espera os dois vicentinos mais interessados e fomos recebidos pelos autarcas com muito bom acolhimento. Prometeram terreno a preço simbólico para os casais pobres que estão há tantos anos à espera e três projectos à escolha. Tudo combinado e despedimo-nos até à semana.

A Conferência Vicentina de há muito tinha tudo estudado: as famílias mais necessitadas; outras com capacidade para construir, só não o fazendo por falta de terreno; a oferta de vários materiais. Despedimo-nos com estes sinais de Esperança.

A segunda viagem foi a uma povoação grande na praia do mar. Estavam à nossa espera vários elementos do Grupo Sócio-Caritativo. Disseram de muitas aflições que os dominam. Muitos casais

novos a viver com os pais. Outros a viver em autênticas espeluncas. Muitas famílias só com um quarto.

Eu já tinha sido alertado pelo pároco daquela freguesia que se queixou da falta de ambiente na habitação de pessoas acamadas a quem ia levar a Comunhão. Ouvi. Ouvi. Ouvi.

Pegámos no carro e fomos com os nossos olhos ver uma casa em construção. Os irmãos juntaram-se e deram terreno. — *O trabalho é do povo que tem ajudado.*

O homem novo trabalha alguns dias numa traineira. A mulher estava de enxada na mão a fazer massa para o artista que andava gratuitamente a acabar um quarto. A moradia está quase pronta.

Onde todos ajudam as obras fazem-se. Prometemos também a nossa ajuda, despedimo-nos e tomámos rumo a nossa Casa.

A tua partilha

Hoje, dia de muita chuva, o correio levou duas cartas com cheques assinados para ajudar a habitação nova que casais reformados, com miseráveis reformas, andam a construir. Amanhã seguirá outro cheque, que prometemos, para pagar materiais de construção que o casal novo empregou na sua casa nova

que está a ficar pronta. O valor destes cheques vem das muitas partilhas que de todo mundo português nos têm chegado.

Alguns trazem marcas dolorosas. Outros são gritos de consciências aflitas. Ainda outros são de pais doridos por filhos que têm de viver na lama ou no charco. Na última semana fui e consegui visitar as duas famílias numerosas. A água tinha baixado e por umas tábuas postas no chão de lama cheguei à casa a ficar pronta. Uma fábrica ofereceu o ladrilho para o chão e fica lá muito bem. Os dois filhos mais velhos, de catorze e quinze anos, pescam ameijoas, depois vendem-nas e entregam o dinheiro à mãe que já comprou candeeiros. Os Pobres também gostam de coisas lindas. Ela disse que em nascendo o décimo filho será operada e não terá mais nenhum.

Dali fomos ao lamaçal. Conseguimos lá chegar com o calçado salpicado de lama. Estão à espera que melhore o tempo para lhes fazerem uma casinha. Um dos currais, onde dormiam os pais, já foi destruído, pois o terreno era dum vizinho.

Deixei-lhes uma palavra de Esperança e retirei-me cabisbaixo. Com a ajuda de todos, também eles hão-de ter a sua casa.

Padre Horácio

4/1/94

COMEÇOU o ano com as cozinhas de papa, leite e comida — para as crianças e velhos — a funcionarem em pleno.

As crianças já brincam! Os pés dos velhos começaram a desinchar.

Os aviões vêm e vão.

Se a comida não chega para todos, o que seria sem ela?!

5/1/94

REUNIÃO com uma delegação dos Serviços Sociais:

Fichas: O menino encontrado.

Se não tem ninguém. Que pessoa o encontrou e o conhece.

Perspectivas de encontrar os parentes.

Que lar o vai acolher. Que família.

Que a ficha é útil, é. Mas, até que ponto este trabalho terá continuação? Faz-me lembrar o «rascapés» no tempo de Carnaval: Enquanto dura a pólvora eles rastejam e fazem barulho; a seguir, ficam imóveis e são pisados no chão.

6/1/94

REUNIÃO com alguns membros duma delegação da Unicef.

A preocupação de, ao lado das cozinhas, porem a funcionar as escolas.

Somente comida, não.

A maneira prática.

Os meios. Propus uma visita à Casa do Gaiato. Que sim.

E fomos. Viram as casas sem portas nem janelas; as oficinas sem máquinas; os campos sem gado e sem tractores.

Passaram depois pelo Seminário, onde estamos refugiados. Apreciaram com agrado as camaratas, o refeitório e os rapazes. Tomaram chá e café. Foi bom.

Continua na página 4

MALANJE dia-a-dia

Conferência de Paço de Sousa

JUSTIÇA E CARIDADE

— Aquele homem incapacitado do braço direito — com a agravante de a mulher ser também doente — é um caso que nos preocupa mais e mais. Materialmente, cuidamos não só da alimentação (três bocas), da saúde (três doentes: pai, mãe e filha), como até do aluguer da casa!

Agora, surge outro caso. Idêntico. Por incapacidade física, também! Acudimos, imediatamente.

Problemas que a Segurança Social e/ou as seguradoras protelam, ou até se demitem...

Vemos a questão na linha dos Direitos do Homem (tão apregoados, mas esquecidos na prática do dia-a-dia); e, obviamente, na dos sagrados Direitos da Família.

Sabemos que a Segurança Social está em precária situação financeira; que as seguradoras tratam primariamente dos seus interesses económicos.

Enfim, no País que somos — no limiar do século XXI — há sinistrados que não vêem luz no fundo do túnel! Vivem da Caridade... que deveria actuar, sim, nos casos mais graves; após o cumprimento da sempre limitada Justiça Social.

Cada coisa no seu lugar, evidentemente. Mas a gente fica muito impressionado — face aos milhões do Q. C. A. — porque não topamos coordenadas que aliviem ou resolvam a miséria imerecida dos Incapacitados. Eles são dos Pobres mais pobres — que não fazem barulho nem manifestações. Esquecidos pela filosofia monetarista, e desenvolvimentista, da sociedade de consumo da CEE!

PARTILHA — Presença da assinante 14493, do Porto: «Minha contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Setúbal: a «migalhinha habitual, referente a Janeiro e Fevereiro» — da «Avó dos cinco netinhos» — acrescentando que «é pouquinho, mas com todo o carinho».

Dez mil, da assinante 5471, do Porto, «gotinha para juntar ao vosso grande oceano. Tão pouco para as carências com que os Pobres se debatem diariamente».

Outros mil, da assinante 27527, de Viseu. «Eu e Ela» com três mil; mas «Ela» porém já está no Céu — jnto do Senhor. Rua do Pinheiro Manso, Porto: o assinante n.º 20 acode aos nossos Pobres.

«Manel de Braga» partilha com as viúvas. «Avó de Sintra» com «a Família do costume». Dez mil, de casal-assinante, do Fundão. Cheque, do assinante 42037, de Carcavelos. Dois mil, «para ajuda de pessoa idosa», pela mão da assinante 7980, do Porto. Casal-assinante 24008, da Lousã:

«Leio com o meu marido todos os números do GAIATO, dando muita atenção às notícias da Conferência. Como tenho 83 anos, e sou vicentina há 64, nutro sempre um grande amor pelo espírito vicentino. Assim, envio três mil escudos para auxiliar os Pobres. A importância é pequena, mas continuo a ser a mesma vicentina de sempre e com a mesma fé em Cristo». Pedras angulares!

A remessa habitual da assinante 31104, de Lisboa: «Como estou doente, peço que rezem por mim. E Deus aceite a intenção que ponho nas minhas parcas ajudas — as almas dos

Pelas CASAS DO GAIATO

meus entes queridos». Está nas Mãos de Deus!

Mais uma presença de sempre — a «Velha Amiga de Figueira» — com cinco mil. Outra, do assinante 9790, de Oliveira do Douro, V. N. Gaia, pedindo «uma oração ao Senhor pelos nossos irmãos martirizados de Angola». Outra, ainda, do assinante 17265, de Paço de Arcos.

Agora, vem lá a assinante 58756, da Covilhã, e duas amigas: «Bem haja toda a luz e força que nos dá O GAIATO. Se a Bíblia nasce da Vida e da Vida nasce da Bíblia, então O GAIATO são páginas vivas da Sagrada Escritura».

Remanescente de contas, da assinante 13245, do Porto. O costume, da Casa de Tormes. Nelas: outro remanescente, da assinante 13171. Ovar: mais cinco mil, do assinante 42971, «para os Pobres mais necessitados e mais envergonhados». Barcelos: idem, da assinante 16415. Vila Nova de Famalicão: idem, do assinante 4395. Lisboa: o dobro, da assinante 18786 — «Se nós fôssemos como o Senhor nos idealizou, quanta desgraça se evitaria!»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Cooperativa de Habitação

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA Convocatória

Nos termos dos estatutos convoco todos os associados a reunirem no dia 27 de Março, pelas 10 horas, na Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Apreciar, discutir e votar o plano de actividades, assim como o respectivo orçamento para o exercício de 1994;

2 — Apreciar, discutir e votar o relatório e contas apresentado pela Direcção relativo ao ano de 1993 e consequente parecer do Conselho Fiscal;

3 — Eleição dos Corpos Sociais para o biénio 94/95.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria dos associados a assembleia reunirá trinta minutos depois com qualquer número dos presentes.

As candidaturas devem ser apresentadas de acordo com o Art.º 11, do regulamento interno.

O Presidente,
José Lemos

Os nossos Amigos já correspondem ao pedido de colabo-

ração para o segundo projecto, em fase de andamento no que respeita à burocracia.

Para este empreendimento, a Cooperativa suportará totalmente o custo do salão social e infantiário — contando com a vossa preciosa ajuda.

Algumas presenças durante Dezembro e Janeiro:

Através da Casa do Gaiato, e em Dezembro, 210.000\$00. Companhia de Seguros Bonança, 45.000\$00. Elizabeth — Valadares, 10.000\$00 e escreve: «É com muita estima que envio este cheque para a ajuda de alguns tijolos para essa obra tão importante que é a habitação». Isaura Santos, Foz do Douro — 5.000\$00: «Aos jovens gaiatos, futuros maridos, que Nosso Senhor Jesus Cristo vos ilumine para conseguirem, aos poucos, terem uma casa digna».

Cacilda: «Com muito gosto envio este cheque de 7.000\$00». Marília, Olivais, 10.000\$00. No Espelho da Moda entregaram selos usados. Mais selos de Nova York.

Do Banco Borges: secretárias e uma máquina de escrever para o nosso escritório.

Durante o mês de Janeiro recebemos, através da Casa do Gaiato, 155.000\$00.

Ana Maria, Lisboa, 2.000\$00: «Fiquei bem satisfeita quando soube que se iam 'atirar' a um segundo bairro dos gaiatos. Deus vos ajude, fazendo com que muitos colaborem nessa obra tão urgente. Aflige-me pensar nos que não têm um tecto, principalmente no Inverno».

Como seria bom se cada um de nós também se afliesse um pouco. Bastariam uns segundos, quando, no quentinho do nosso lar, o pensamento fosse até junto daqueles que, naquele momento, estariam a enfrentar um dia invencível e gelado, sem um tecto que os proteja.

Gratos pela vossa oferta.

Carlos Gonçalves

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA Convocatória

Nos termos dos estatutos convoco todos os associados a reunirem no dia 27 de Março, pelas 14 horas, na Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Apreciar, discutir e votar o relatório e contas apresentado pela Direcção;

2 — Eleição dos Corpos Sociais para o biénio 94/95;

3 — Assuntos de interesse para a Associação.

O Presidente,
José Lemos

PAÇO DE SOUSA

EXCURSÃO — No dia 2 de Fevereiro de 1994, recebemos a Escola C + S de Guimarães que partilhou connosco. Principalmente com os da Telescola. Mostrámos tudo o que faz parte da Casa. De seguida, jogámos futebol e depois merendámos com eles. E assim os conhecemos. Infelizmente aconteceu uma cena triste! Pedimos desculpa pelo sucedido.

SENHORAS — Continuam a ajudar-nos, principalmente os que mais precisam. Se ficamos com febre, uma delas cuida bem de nós. São as nossas Mães!

CARNAVAL — Combinámos o seguinte: De manhã, trabalhamos. De tarde, brincamos. Mas para alguns foi triste porque passaram o Carnaval na cama. Nessa mesma tarde um grupo de Espinho ofereceu uma merenda.

FUGAS — Alguns ainda continuam a fugir. Mas não vale a pena... Se continuarmos assim nunca mais se formam Homens.

«Coelho»

OBRIGAÇÕES — Em nossa Casa todos têm uma obrigação a cumprir: no campo, na vacaria, no refeitório, nas oficinas, etc.

Por vezes as faxinas não são cumpridas... e os chefes actuam. Somos uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

A NOSSA FAMÍLIA — Tem aumentado muito com a chegada de mais rapazes que precisam da nossa Obra. Recebemos agora mais um irmão nosso, o Tó, de cinco anos de idade.

Rui «Gordo»

OFERTAS — Temos recebido muitas: roupa, sapatos, brinquedos, etc. É bom para nós porque quem anda com os sapatos estragados precisa doutros.

Agradecemos à Danone mais uma remessa de caixas de iogurtes.

PECUÁRIA — Os nossos rapazes cuidam das vacas para que nos dêem leite, bebido ao pequeno-almoço. Nasceram mais alguns vitelos. Tão bonitos! Nas capoeiras há muitas galinhas que põem ovos para as nossas refeições. E também nascem muitos pintos brancos e malhados...

«Spock»

ESCOLA — Depois das férias do Carnaval, os estudantes entraram noutra período de estudo. Esqueceram toda a brincadeira e recomeçaram o trabalho escolar a sério. Espe-

ramos que 90% passem de ano. Para nós é importante saber que a maioria consiga defrontar a vida na medida das suas capacidades.

ANIVERSÁRIO D'O GAIATO — Depois da nossa Obra ter feito 50 anos, de receber e educar rapazes, uma parte infelizmente sem família, comemorámos agora o quinquentenário do GAIATO. É um acontecimento de vulto. Meio século ao serviço da nossa Obra!
«Amarante»

FUTEBOL — O nosso Grupo Desportivo tem mantido o ritmo de trabalho que iniciou na época de 93/94. Os resultados são prova disso.

Em 13 de Fevereiro, defrontámos a equipa de Duas Igrejas (Penafiel). Um jogo que teve alguns momentos de futebol corrido e bonitos golos. Resultado final: 11-2. A nosso favor, claro!

No dia 15 visitou-nos a Juventude Adventista de Espinho. Percorreram as nossas instalações e, às 15 horas, realizámos uma boa partida de futebol. Contaram-se, pelos dedos de uma mão, as oportunidades de golo possíveis que falhámos. A primeira parte ficou em 0-0. De facto, na segunda, pareceu-nos nítido que de um lado se encontrava a vontade e do outro a... falta dela. Decorridos alguns minutos, surgiu o nosso golo! Tudo parecia fácil, mas depois acabámos por sofrer dois, de rajada, por erro inexplicável de nm defesa nosso. Faltavam poucos minutos para o final e muitos já diziam que era a primeira derrota que sofreríamos. Mas quem não pensou assim foi o técnico (Lupricínio), que, de seguida, tirou um defesa central e mandou entrar um avançado para tentarmos o empate ou mesmo a vitória. Já sobre a hora, o nosso golo foi muito festejado. Também não estou a tirar mérito ao adversário que jogou muito bem. Resultado final: 2-2.

Depois do prélio, e do banho, houve um convívio no refeitório. Merendámos todos em família! Tudo preparado pelas jovens do grupo. Agradecemos o que nos deixaram.

Repórter X

Notícias de Moçambique

SERRALHARIA — Os serralheiros não perdem tempo. Todos querem mostrar que já sabem fazer alguma coisa. Enquanto o mestre e mais um adiantam as asnas, os rapazes colocam chapas.

CATEQUESE — Reiniciou em forma. Desta vez, a popu-

lação também está a participar. Um grupo grande de crianças e jovens querem preparar-se para o Baptismo. Em nossa Casa uns são preparados para o Baptismo, outros para a primeira Comunhão.

Luís Carlos

MECÂNICA — Os nossos carros e máquinas andam muito avariados. Precisamos de um bom mecânico para nos ensinar.

DOENÇAS — Tem morrido muita gente com malária e diarreia sanguinolenta. Neste fim-de-semana faleceram duas crianças e uma senhora. No nosso país não há medicamentos próprios para o combate à doença!

Agostinho Mário

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O sr. Joaquim está mais calmo e confiante. Os filhos, que estão com ele, sentem-se bem e também começaram a compreender que o pai gosta deles e a sua casa é a do pai. Dá gosto ver a moradia asseada.

Os nossos confrades relatam, com mágoa, a pobreza encontrada. O caso duma jovem que anda no terceiro ano de Direito e está em vias de deixar de estudar por não ter possibilidades de pagar 30.000\$00 por mês. Quando começou os estudos os pais trabalhavam os dois e, à noite, faziam bolos para festas para ajudarem a pagar os estudos da filha. Era empregado num restaurante. Teve que abandonar o emprego, pois a saúde não permitiu que lá continuasse. A Suzi estuda e, à noite, ajuda a mãe a fazer bolos. As encomendas são poucas e o dinheiro não chega. Precisa do auxílio de todos porque ainda não perdeu ano nenhum!

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — J. R. D., presente com o habitual. Anónima, dois mil. «Bons amigos, vai uma migalhinha para acudir às vossas necessidades e peço orações porque estou muito doente» — da Rua Duque Saldanha, Porto. Duas notas de dez. Sete mil e quinhentos escudos dum anónimo. «Junto um cheque de quatro mil escudos, migalhinha para ajuda da alimentação daqueles que socorrem». Mil e quinhentos escudos, de anónimo. Assinante 27632, seis mil escudos. Domingos, três mil escudos. Assinante 12719, quatro mil escudos. «Ajudando, um pouco, nas necessidades que vão aparecendo, — cada vez são mais! — envio em cheque dez mil escudos.» Por vale de correio, vinte mil escudos «para o leite das crianças». Mais dez mil, de Odete. Assinante 23361, seis mil, «para viúva com filhos ainda crianças». Largo Alberto Pimentel — Porto, um cheque para distribuir pelas pessoas mais necessitadas. Assinante 26070, doze mil escudos. De Ceiras, para o que for preciso. «Com bastante interesse leio n'O GAIATO a rubrica Lar do Porto onde os vicentinos narram o bem que fazem. Envio cinco mil escudos para o que for mais urgente.» Bem hajam todos pela ajuda que dão.

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO

Adelaide e José Alves

O GAIATO vive na alma de gerações de gaiatos

N. da R. — Como prevíamos, nem todos chegaram a tempo, pois houve que abreviar a edição do cinquentenário d'O GAIATO. No entanto, prà história, aí vai o resto da colaboração da nossa gente — com a Juventude de sempre!

Breve história do título do jornal

AO fazer meio século, o *Famoso*, embora eu não tenha sido gaiato mas sim do Lar do ex-pupilo, de Coimbra, proponho-me colaborar com uma memória contando um pequeno episódio da sua pré-história:

O GAIATO nasceu a 5 de Março de 1944, mas já antes de 1940 tinha projecto na mente e nos planos de Pai Américo. O seu desejo foi revelado quando era Assistente Religioso da Tutoria de Coimbra, num domingo antes da Missa que celebrava para os pupilos na Igreja de Santo António dos Olivais, ao convidar os semi-internos (empregados e estudantes) a sugerirem um nome para um jornal que queria publicar.

Reunidas as condições à sua publicação — abertura da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo em 1940, do Lar do Ex-pupilo em 1941 e Casa do Gaiato Paço de Sousa em 1943 — esse jornal veio a ser O GAIATO, cujo título foi sugerido por um dos nossos, excelente rapaz e amigo de todos, ele próprio com uma vida plena de alegria agaiatada: o Henrique Pereira da Silva.

Alberto Augusto

Cartilha maternal

CONHEÇO O GAIATO há mais de 30 anos. Tive com ele uma relação privilegiada, quase única. Foi a minha *cartilha maternal* no casebre da família que me acolheu em criança. Poucos anos depois, já gaiato, comecei a minha colaboração, ainda no *cardanho*, quer derretendo chumbo para os lingotes que alimentavam a *Intertype* quer cozendo farinha para colar as etiquetas com as moradas dos assinantes. Um pouco mais tarde, passei tardes inteiras sobre umas mesas compridas, quase da minha altura, dobrando manualmente milhares de jomais.

Depois, foi o trilhar os dedos na já desaparecida *Citograf* — ajudando no endereçamento — e o transporte de sacos até ao correio da aldeia, num sobrecarregado carro-de-mão que gemia tanto como o grupo de pequenos que o empurrávamos pela íngreme subida dos Bombeiros, depois de ter descido a nossa avenida em desenfreada corrida, tantas vezes com espalhanço pelo caminho. Foi a descoberta do lado lúdico do trabalho e da importância da laboração em equipa.

1944
1994

A responsabilidade aumentou com a incumbência da sua venda. Quinzenalmente, ainda a cidade Invicta mal acordara, já «um bando de putos à solta», de sacola a tiracolo, invadia as suas ruas, gritando até que a voz lhes doesse: — *Olha O GAIATO, jornal da Obra de Pai Américo...* A mensagem valia o esforço, sei-o agora, mas a competição saudável para ser o melhor vendedor era o estímulo de momento, que a solidariedade e a amizade das gentes do Porto (outra descoberta importante para quem foi tantas vezes repudiado nessas mesmas ruas) compensavam.

Os anos foram passando. O garoto atrevido, teve que escolher uma profissão. Na opção por ser tipógrafo, O GAIATO ajudou a decidir eventuais dúvidas em quem queria ser tanta coisa ao mesmo tempo.

A vida decorreu...

Há 25 anos, O GAIATO festejava as suas *Bodas de Prata*, era este *puto da rua* o principal responsável pela sua composição e paginação — foi a descoberta do amor às artes gráficas (e às artes em geral). Noite dentro, sentado à velha *Intertype*, procurava recuperar os atrasos havidos na entrega dos originais (os Padres da Rua e outros colaboradores nem sempre eram pontuais) ou ultrapassar a aflição provocada pelo lápis vermelho da Censura, que outra vez detestava o «...transformar as armas em arados...»; hoje mais actual — foi a descoberta do valor da Liberdade! Não podia comprometer a saída do Jornal a tempo e horas. E a *Johannisberg* era muito lenta...

Escrevi n'O GAIATO inúmeras vezes — quão difícil escrever num jornal da sua dimensão! — mas este testemunho talvez seja dos mais gratificantes por reafirmar que valeu a pena este percurso, tendo-o por companheiro privilegiado!

Manuel António

Marco histórico

O 50.º aniversário d'O GAIATO é um marco histórico. Estou a dar a minha contribuição, até como representante da Associação de Antigos Gaiatos do Centro. Escrevi crónicas de Miranda do Corvo por volta dos meus 10 anos. Passei depois a cronista do Lar de Coimbra. Fui distribuidor do jornal, durante vários anos, em Coimbra e Figueira da Foz, onde me tornei conhecido e acarinhado, o que ainda hoje se mantém, apesar de terem passado mais de 40 anos.

Gostei de ter passado por essas actividades. Na verdade, as pessoas com quem contactei (os "fregueses"), tratavam-me com um carinho especial sempre que aparecia de 15 em 15 dias. Não só ficavam com O GAIATO mas também ofereciam coisas, incentivando-me para a vida, colocando sempre e acima de tudo, Pai Américo e sua Obra.

Valeu a pena ser gaiato! Orgulho-me de prestar a minha homenagem ao nosso Jornal com 50 anos de existência.

Manuel dos Santos Machado

Presente!

NA minha frente o último O GAIATO, de 5 de Fevereiro de 1994. Recebi-o à partida. Meti-o na mala para saborear agora. Acabo de ler o «Pedido». Logo me resolvo dizer presente!

Foi n'O GAIATO que pela primeira vez me vi em letra de forma, num respigo de uma carta para Padre Carlos. Depois, o Daniel agarrou-me pr'A *Voz dos Novos*. Daí nasceu o meu gostinho por escrever. As «Três Notas Soltas» que ainda vou realizando para «A Mensagem» e quejandos nasceram-me de vós.

Daí que... não posso jamais esquecer-vos. Também d'O GAIATO recebi muita dessa «matéria prima» que de um rapaz pobre faz um Homem que se sente gente!

Abel

Distribuí O GAIATO em catorze localidades

ANDAVA na terceira-classe, tinha nove anos, quando o Padre Horácio chega à Escola e pergunta à professora quem teria jeito para a venda d'O GAIATO. Fomos três!

Depois, até aos vinte anos, distribuí o *Famoso* em catorze localidades do Centro do País, principalmente Cantanhede, Coimbra, Figueira da Foz e Alpedrinha (Fundão) — onde principiei. Foi, de facto, uma maravilha, uma acção de que nunca esquecerei, porque me proporcionou carinho e grandes amizades.

Pedro Alves Rodrigues

Anos maravilhosos

HÁ trinta anos percorria as ruas da cidade de Malanje e N'Dalatando a distribuir O GAIATO.

Foram anos maravilhosos de aprendizagem. Recebi muito carinho, amor e conforto moral de mães que tomavam os garotos como exemplo para educação dos seus próprios filhos. Perguntavam se tinha conhecido Pai Américo, se gostava de estar com o Padre Telmo e entregavam-me cartas e donativos como se fosse um adulto.

Quando visito as cidades de Setúbal, Coimbra ou Porto e encontro os meus irmãos a distribuí-lo, adiro um exemplar só para poder comungar do fruto do seu trabalho e da alegria que eles sentem quando despacham mais um exemplar. Eles não sabem que fui um dos seus irmãos e julgam tratar-se de mais um senhor que gosta da Obra da Rua.

Quando há vinte e oito anos redigi a primeira crónica para o *Famoso* fiquei tão excitado que não conseguia dormir! Foi algo que ficou em mim. E, agora mesmo, não me deixa sossegado quando sinto haver necessidade de dar a conhecer aspectos da nossa vida de gaiatos, principalmente da nossa Casa do Gaiato de Malanje e do nosso querido Padre Telmo.

Tomo este 50.º aniversário como um fortificante para a minha vida familiar, onde Pai Américo está sempre presente.

Manuel Fernandes

Vida ligada ao «Famoso»

COMECEI por ajudar a «marginar» o jornal na velha «Planeta» que o imprimia (a minha carreira nas Artes Gráficas parecia estar traçada). Vendi-o no Porto, na zona na Igreja da Trindade e arredores, de 63 a 66. Trabalhei na dobragem manual, na cintagem, na expedição — levá-lo ao correio no carro de mão que descia a avenida a velocidades fora de lei. Fiz grandes serões na *Johannisberg* para que as edições chegassem, sempre à hora, à mão do Leitor. Enquanto estudante, no Lar, fui *pombo-correio* com as provas de prelo para a Censura que tantos atrasos causou — por cortes que hoje os fariam corar de ridículo.

Mais tarde, enquanto tipógrafo, colaborei

na sua paginação e montagem. E, enquanto impressor, ajudei o Oliveira a imprimi-lo na *Praesident*. Escrevi, às vezes, a crónica de Paço de Sousa e alguns artigos sob o tema «Tempos Livres» quando iniciámos a nossa «revolução» desportiva e cultural em Paço de Sousa, no início dos anos setenta, como alternativa ao tradicional futebol, começando pela piscina cujo buraco foi cavado nas nossas horas de recreio, para que conste, e pelo campo de voleibol, basquetebol, ginástica, atletismo, biblioteca, discoteca e teatro. Tudo feito pelas nossas próprias mãos e ajudados pelos Leitores que acorreram generosamente aos pedidos de materiais, através dessa crónica.

Uma vida, directa e indirectamente, ligada ao Jornal e cheia de boas recordações.

Joaquim Barros («Quim do Porto»)

Recordação

O GAIATO comemora as suas *Bodas d'Ouro*. Nele publiquei crónicas minhas: «Retalhos de Vida», «Amor e Obra», etc. E, na década de setenta, era responsável pela expedição do jornal.

Ainda me lembro quando fui escolhido com outros, do «Grupo da Lenha», para dobrar o *Famoso* na tipografia. No final de cada expedição procedíamos à limpeza do escritório e da escadaria com baldes e escovas — a conhecida «esfrega da quinzena» — de que não gostava nada...! Mas como «depois da tempestade vem a bonança», um dia, o «Eusébio», na altura entregue à função, foi transferido para a impressão e, daí, assumi o comando da sua.

Ele saía «quentinho» da *Praesident* em grandes tabuleiros, no formato duplo, depois trazido para a secção de encadernação, no primeiro andar, onde a guilhotina, passando a lâmina a meio, cada folha se convertia em dois exemplares.

Uma parte da edição era dobrada em duas partes (para distribuição avulsa) e depois de cortado e embalado seguia, por diferentes vias, para as nossas Casas de Portugal e de África. Terminada esta fase, passávamos então à impressão dos endereços dos assinantes. Lembro-me que, de início, não sincronizava o momento de carregar no pedal com o movimento das mãos a aproximar e retirar o jornal na velhinha máquina de endereçar. Depois, com a prática, aquilo era sempre a aviar porque senão juntávamos duas expedições!

Não posso deixar de salientar que, na altura, tinha um bom ajudante — Sabino de seu nome.

Já com o endereço na parte superior esquerda do cabeçalho, colocávamos um rótulo por cima dos maços de cada localidade, amarravam-se e enchiam-se os sacos que seguiam para o correio.

Nunca me esqueci de enviar um exemplar à minha mãe! O GAIATO é para mim um mensageiro. Assim, ela sabia que eu estava vivo.

Sentia orgulho por ser um dos que contribuíam para que o «Revolucionário» chegasse às bocas do mundo!

Hoje, os métodos modernos fazem com que a gente receba assiduamente o pequeno mensageiro praticamente sem atrasos.

O número de assinantes foi crescendo por via da Doutrina que o *Famoso* contém e pelo amor que muita gente dedica à Obra da Rua e ao seu Fundador.

Elísio Humberto

CELEBRAÇÃO

DIA 5 de Março, no fim da manhã, assinalámos a efeméride com uma Celebração Eucarística presidida pelo Padre Júlio, na Capela da nossa Aldeia onde Pai Américo *burilou* as páginas mais ricas do *Famoso*.

Louvámos o Senhor pela Graça concedida ao Fundador e pelo Bem que O GAIATO — «sempre pequenino», arauto dos Pobres — procura

transmitir aos cristãos e homens de boa vontade.

Parabéns de todo o mundo!

As *Bodas d'Ouro* motivaram ressonâncias de muitos Leitores e dos Meios de Comunicação Social.

Agradecemos essas mensagens tão expressivas e oportunas!

Júlio Mendes

BENGUUELA

Diminuiu o número de crianças a vagarear pelas ruas

O número de crianças a vagarear pelas ruas da cidade diminuiu. Desciam dos bairros suburbanos, normalmente a pedir esmola.

Durante várias semanas, fez-se o levantamento sumário da situação, a nível da Comissão Diocesana da Caritas de Benguela, e concluiu-se, num primeiro momento, que a fome era a causa imediata desta desgraça. Com a implementação das cozinhas comunitárias no coração dos bairros o mal foi aliviado. A actuação das organizações não governamentais teve um papel decisivo. Entre elas sobressaem as de filiação religiosa. É o espírito a humanizar este mundo. Experiência até agora desconhecida para mim, deveras interessante. Quando o animal que está em cada ser humano se liberta do espírito gera a barbárie. Quando, pelo contrário, o animal que está em nós é animado e conduzido pelo espírito aparece o que há de mais belo no mundo: o dar as mãos.

Estas crianças, esfarrapadas e subalimentadas, cheias de sarna e outras doenças, tinham alguém que as acolhia. Faltavam-lhe,

porém, os meios para cuidar delas. Há muitas famílias que, além dos filhos de sangue, acolhem outros tantos que perdem seus familiares. Vemo-las a gemer, vergadas ao peso de tamanha responsabilidade; mas nem por isso viram costas à luta do dia-a-dia. Está aqui um valor humano que resiste ao desgaste demolidor da guerra e dos males que arrasta consigo. Estas famílias, na hora que passa, merecem um monumento no coração de cada um de nós. São um apelo vivo à caridade fraterna. Encontra-se nelas a solução mais humana e mais natural para grande parte das crianças que vagueiam pelas ruas.

Ao escrever estas notas tenho diante de mim a mensagem do Santo Padre para a Quaresma de 1994: «A família está ao serviço da caridade, a caridade está ao serviço da família». Estas a quem me venho referindo são um testemunho desta mensagem. Há dias, uma mãe desta categoria aproximou-se de mim confidenciando as suas tremendas dificuldades, numa sociedade em que não há dinheiro que chegue para coisa alguma. Impressionou-me a atitude serena, cheia de convicção, de quem estava a cumprir um dever e não um favor. Tem cinco filhos do seu ventre e mais três que foram

acolhidos em seu lar. Esta família é fermento de caridade e solidariedade.

Problema da fome atenuado

Se o problema da fome é atenuado, outro há que permanece por resolver: o da escola, que a maior parte das crianças não frequenta. Situação deveras aflitiva! As famílias que as acolhem, a braços com o problema da sua alimentação, não têm forças nem disponibilidade para cuidar da escolarização. São gerações que se perdem. Por isso, tudo o que se puder fazer já neste sector é também prioritário. Temos um edifício começado para mais três salas de aula. Não podemos hesitar.

Abrimos os olhos à nossa volta e fechamo-los, depois, para ver melhor. As necessidades são de tal dimensão e tão profundas que nos sentimos uma gota ínfima de água neste oceano que parece não ter fim, nem fundo. Uma grande confiança nos anima. Sabemos que o nosso Deus e Pai está mais interessado do que nós em caminhar com este Povo, com estas crianças. Sabemos que uma multidão de amigos Leitores faz deste projecto uma parte da sua vida. Isto nos basta.

Distribuimos leite pelas Escolas

Já descarregámos o contentor que nos mandaram. Logo no primeiro dia foram abertos pacotes de leite que alegraram os nossos pequenos e as mães que têm de dar leite aos filhos. Seguimos pelas escolas, em volta, a distribuir canecas do dito às centenas de crianças que vão para elas sem nada no estômago.

Termino com um bocadinho da mensagem do Santo Padre, no coração da Quaresma: «A família é o lugar primeiro e privilegiado da educação e do exercício da vida fraterna, da caridade e da solidariedade, em suas múltiplas formas... A vida em comum é um convite à partilha, que permite sair do próprio egoísmo. Aprendendo a partilhar e a dar, descobre-se a alegria imensa que nos traz a comunhão de bens. Com delicadeza, os pais procurarão despertar nos filhos pelo seu exemplo e o seu ensino o sentido da solidariedade. Desde a infância, cada um é chamado a fazer a experiência da abstinência e do jejum, a fim de forjar o seu carácter e dominar os seus instintos, em especial o da posse exclusiva para si mesmo. Aquilo que se aprende na vida familiar permanece ao longo da existência». Queremos que estes valores estejam no coração dos vossos filhos.

Padre Manuel António

MOÇAMBIQUE

Ponto de partida para um surto de desenvolvimento

ESCREVER no papel o nome deste tão querido país e concretizar o que posso dizer, é como descer as alturas de avião e aterrar directo na Massaca, onde vivemos.

Estamos num microcosmos artificial. A construção da barragem dos Pequenos Libombos, pela necessidade de ordenar a sua área de implantação, balizá-la com forte dispositivo defensivo, ainda hoje existente, no que se refere a minas antipessoais, pôs fora de barreiras toda a gente dispersa pela área. Aqui a arrumou e em mais duas povoações.

Mas a barragem por si mesma é um ponto de partida para um surto de desenvolvimento programado, de nome Projecto de Desenvolvimento Integrado do Umbeluzi e Tembe. Pensou-se também num desenvolvimento urbano que pudesse aliviar a densidade demográfica da Capital, hoje um dormitório de dois milhões e meio de pessoas.

Nove anos volvidos está prestes a concretizar-se na totalidade o que se refere ao Umbeluzi: Postos de saúde com maternidade, escolas, residências para o pessoal de serviço; casas agrárias para extensão rural, venda de insumos e recolha de produção; regadio para duzentas famílias, das quase duas mil residentes; distribuição de água potável em fontenários. Só na Massaca 1 são dezasseis.

Nas três comunidades abrangidas pelo projecto já existe a presença da Igreja, em cada uma a seu modo e dimensão diversas, servindo humildemente quem é mais pobre.

Estruturas sociais

Entre o início da barragem e a entrada em funcionamento das estruturas sociais mediaram quase dez anos. Dez anos agravados pela guerra que transformou estas povoações numa recatada mais segura para aqueles que teimavam na dispersão por este sul do país. Converteram-se pois em comunidades de deslocados. Deslocados e marginalizados. Dez anos agravados pela seca e pela fome e falta de assistência sanitária. Não há dados recolhidos, mas hoje na Massaca temos uma atenção normalizada, para a qual a comunidade começa a estar estruturada. Como amostragem do que foram estes anos e já em clima de paz, chega-nos a recolha de Changalane, com data de vinte e três de

Janeiro a oito deste mês: Quinze mortos, em quinze dias. Treze adultos: tuberculose, diarreia, álcool e parto, as causas. Duas crianças: malária.

Aqui e agora porém há um futuro promissor. O Projecto Integrado representa um investimento de cerca de trezentos milhões de dólares.

Faz tremer, só de pensar que as forças políticas e militares envolvidas no processo de paz custam mais de um milhão de dólares por dia. Concentram a atenção do mundo num esforço para a recta coordenação de forças e convergência de interesses para o emergir do país do seu caos, para uma plataforma de desenvolvimento. E por um capricho absurdo podem voltar às armas, destruindo tudo.

Diz o Gen. 2, 7 que Deus, no princípio, soprou ao nariz do homem — que criara do barro — um sopro de vida. Sentimos hoje essa mesma vontade. Há o nada desordenado à nossa volta; há vida em nós e queremos transmiti-la na cadência da nossa própria respiração. Não queremos partir a cana, nem extinguir a mexa que fumeja. Olhando lá alto, vemos espectros que tudo podem destruir. É terrível. Nem queremos pensar nisso, porque o pobre Povo também não se dá conta. Sentimos e suportamos o peso do que não depende de nós. Mas temos forças para respirar e fazer respirar muitos outros à nossa volta.

Conforta-nos a chegada de donativos recolhidos em Portugal, nas nossas Casas do Gaiato, de que o nosso Padre Carlos foi portador e de muitos outros que vêm de barco. Compensam-nos das preocupações e ansiedade de viver e fazer viver este Povo. Bem hajam!

Padre José Maria

MALANJE dia-a-dia

Continuação da página 1

7/1/94

Um dia calmo, sem tiros nem bombas... As guerras não são para se compreenderem... O *caterpillar* D. 10 não tem olhos nem sensibilidade — tudo esmaga e trilha com suas esteiras de ferro. Não vi ninguém olhar o poente rubro; mas ele, indiferente e belo, primou nos seus trajes de gala!

8/1/94

A caminho da Casa do Gaiato com três senhoras e dois senhores da Unicef, um homem estendido na estrada — inerte, como morto.

Parámos. Debruçados sobre ele, prestámos os primeiros socorros: água com açúcar e bolachas. Um dos senhores, médico, auscultou-o. Levámo-lo ao hospital. Soro na veia e leite por um tubo até ao estômago.

Passados quinze minutos, o doente começou a falar. Normal, somente uma fome instalada desde os cabelos às entranhas. Há dois dias que não comia...

Lição admirável, a destes estrangeiros!: O carinho posto na ajuda. A total disponibilidade. O sentimento fraterno expresso até aos mais ínfimos pormenores.

Faz bem a este povo a quem a guerra roubou o amor. Faria imenso bem àqueles povos onde a super-abundância, o sexo e a droga igualmente o roubaram.

12/1/94

A família cresce. Todos os dias cresce... Hoje veio o Tony, de três anos, vivaço. Sem ninguém lhe dizer, começou a chamar-me «papá». Clamor que do íntimo se faz ansia de sua filiação; apelo, suspenso como espada nua, a implorar justiça.

Cafo duma nuvem... «Sou o Tony.» Nada mais. Ele escolheu-me. Vou dar-lhe o meu nome... Meu filho e duma nuvem branca?! Nuvem não tem nome nem dom maternal. Virá uma mãe que sem medo afirme e comigo o perfilhe. Se não pela carne, pelo amor, seu crescimento e sua dignidade.

Tony... filho de... e de... cartão limpo e justo. Ele é mesmo vivaço! Logo no primeiro almoço, mal lhe tinha servido a primeira colher de arroz no seu prato, já ele: «Deita duas!»

Padre Telmo

Na Casa do Pai

O Pai do Céu chamou o Diamantino para Sua Casa. Tinha dezanove anos e meio. Uma vida breve e cheia de planos e realizações. Entre nós era o «Engenheiro».

Não sabia estar parado. Eram os jardins. Eram os electrodomésticos. Eram os livros. Sempre ocupado.

Um apaixonado pel'O GAIATO. Todo ele se afligia se algum dos fregueses ficasse sem jornal. Nos dias de venda só havia as aulas e a venda. Conseguiu ser o melhor do seu tempo. Na última distribuição, já doente e com dezoito anos, passou mil quinhentos e três jornais e entregou 104.413\$50. Todos estimavam o Diamantino e ele tinha muita amizade por todos.

Há ano e meio revelou-se nele uma leucemia aguda. Foi logo internado. No dia seguinte pediu um terço e os mistérios. Rezava com os companheiros da enfermaria. Teve consciência da gravidade da doença. Foi sempre para os doentes e pessoal de enfermagem um bom exemplo de Fé e Esperança.

Guardei a carta que me escreveu há um ano — que dizia: «Já estou quase na idade de partir para junto de meu Pai. O Pai do Céu tem um lugar reservado para cada um de nós».

Que o Diamantino já esteja a descansar nesse Lugar. Assim cremos e pedimos ao Senhor.

Padre Horácio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560. Penafiel
Tel. (055) 752265 - FAX 753799 - Cont. 500768898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239